

Levantamento dos Mecanismos de Defesa do Ego Frente à Deterioração do Trabalho Docente Universitário durante e Pós-Pandemia da Covid-19

DENILSON APARECIDA LEITE FREIRE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

NOÉZIA MARIA RAMOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

LINA EIKO NAKATA

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO - FIA

Levantamento dos Mecanismos de Defesa do Ego Frente à Deterioração do Trabalho Docente Universitário durante e Pós-Pandemia da Covid-19

1. INTRODUÇÃO

A palavra *trabalho* suscita muitos significados em nosso cotidiano, ora mais abrangentes, ora mais particulares, mas em sua maioria impregnada de emoções, de dor e de fadiga, evidenciando o indivíduo em ação para sobreviver e se realizar (ALBORNOZ, 2008; ARENDT, 2007; GONDAR, 1989; LHUILIER, 2013), com desdobramentos positivos e/ou negativos em sua saúde, podendo favorecê-la ou comprometê-la (DEJOURS, 2004). Direcionar o olhar para a saúde mental no trabalho requer uma compreensão de como esse trabalho se realiza considerando as pessoas de forma singular (SIQUEIRA, 2015), com histórias de vida permeadas de objetivos e aspirações, pessoais e profissionais, envolto por especificidades e peculiaridades.

O trabalho docente é uma atividade que vem se transformando a cada mudança tecnológica, política, econômica ou social, é afetado por essas diversas transformações, impacta no bem-estar psíquico e físico do professor (BORSOI, 2012; BERNARDO, 2014), sofre com a mercantilização do ensino que é regido pelas leis do mercado e tem se intensificado gradativamente, ano após ano (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009; VILELA, GARCIA; VIEIRA, 2013), sobrepondo o objetivo central que é conduzir o indivíduo ao conhecimento (LIMA; FILHO, 2009; OLIVEIRA, 2004; SANTOS, 2014; TIMM, MOSQUERA; STOBAŪS, 2010).

As mudanças ocorridas no modo de operacionalizar e exercer a profissão docente tem adoecido os professores (OLIVEIRA, 2003; 2004). Dentre as mudanças, pode-se citar a gestão escolar e a elaboração de projetos como atividade dos docentes (OLIVEIRA, 2003), a mudança nos critérios para aposentadoria, as normas produtivistas e avaliação de desempenho individual (BORSOI; SILVA, 2013), situações desconfortantes com alunos estressados em sala de aula, salas superlotadas, a competição exacerbada entre colegas de profissão, produtivismo como diretriz de qualidade (BERNARDO, 2014; CHAUI, 1999), falta de descanso adequado com horários de trabalho que ultrapassam os regimentais, dentre outros (LIMA; FILHO, 2009; BORSOI, 2012; TAVARES et al., 2014).

Com o advento da pandemia da Covid-19, alteraram-se as relações de trabalho: com o isolamento social, as aulas passaram a ser remotas, o que levou muitos professores à clínica médica, pois lidar com as novas tecnologias e sem equipamentos e recursos necessários, muitos viram suas horas aulas de trabalho duplicarem.

Para enfrentar tais mudanças, é possível observar que, mesmo diante de um cenário precário, muitos professores não adoecem. O que leva ao seguinte questionamento: por quê, em um cenário precário, muitos docentes não adoeceram? Uma possibilidade a ser pesquisada é que muitos desses profissionais desenvolveram estratégias psíquicas de modo a se proteger contra o adoecimento. Tais estratégias são definidas como mecanismos de defesa do ego (FREUD, 1978).

Com isso, o objetivo deste trabalho foi levantar os principais mecanismos de defesa psíquica utilizada pelos professores universitários da região do Triângulo Mineiro e Goiás no enfrentamento às deteriorações do trabalho no período pandêmico (2020) e pós-pandêmico (2022), comparando se houveram mudanças significativas em tais mecanismos. Para isso, foi realizada uma *survey* junto aos professores universitários públicos e privados de instituições do triângulo Mineiro e Goiás em dois períodos: 2020 e 2022.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A saúde do professor tem sido tema de diversas investigações nos últimos 20 anos, por pesquisadores de variadas áreas do conhecimento (DELCOR et al., 2004; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005; ARAÚJO et al., 2005; BENEVIDES-PEREIRA et al., 2008), sendo Codo (1999) e Lemos (2005) os estudos que se sobressaem quando se trata das preocupações com a saúde do professor brasileiro. Essas autoras apontam que os fatores mais destacados são referentes ao trabalho exercido, o excesso de trabalho, a precarização do trabalho, a perda de autonomia, a sobrecarga de trabalho burocrático e as condições de vida dos alunos (LANDINI, 2008).

Ademais, os dados dos estudos permitem compreender que o adoecimento docente vai muito além do cumprimento de metas, pois são resultantes da insatisfação das práticas acadêmicas interferirem no lazer, no descanso, na vida familiar e na social, bem como a intensificação das atividades e precariedade estrutural (ALVES, 2009, 2010; BERNARDO, 2014). Outros sintomas apontados são: absenteísmo e desistência (ARAÚJO et al., 2003), angústia, apatia, cansaço mental e emocional (ARAÚJO et al., 2005; DELCOR et al., 2004; TAVARES et al., 2014), esquecimento, insônia e nervosismo (ARAÚJO et al., 2005), distúrbio de voz, esgotamento, exaustão emocional e fobia (LIMA; FILHO, 2009; OLIVEIRA, 2016; SANTOS, 2014; TIMM, MOSQUERA; STOBAÛS, 2010).

Segundo os estudos de Vasconcelos e Faria (2009), o aumento de registros de doenças relacionadas ao trabalho instiga os pesquisadores a investigarem a relação entre o surgimento de doenças (físicas, mentais ou psicossomáticas) e a organização do trabalho. A profissão docente não fica fora destas investigações (SANTOS, 2014). As pesquisas relacionadas ao adoecimento psíquico em professores têm crescido vertiginosamente nos últimos anos, sinalizando que o fenômeno passou a chamar a atenção da academia em virtude de sua maior presença e frequência na realidade dos professores (AQUINO et al., 2016). Contudo, o foco maior tem sido voltado para burnout, estresse e mal estar em decorrência da intensificação, da precarização e da desvalorização do trabalho docente.

Esse adoecimento é devido principalmente à precarização do trabalho docente nas universidades:

O termo precarização é empregado, contemporaneamente, para definir o processo de redução ou supressão de direitos laborais, decorrente da disseminação de formas de inserção no mercado de trabalho em substituição ao trabalho assalariado e às proteções a ele associadas. O resultado desse processo é a emergência do trabalho precário (GALEAZZI; HOLZMANN, 2011, p. 259).

A conceituação de precarização e o entendimento do seu processo ainda são imprecisos (HEWISON, 2015), o seu conteúdo é vinculado a uma crítica declarada ao sistema político envolvido no sistema produtivo ao qual as pessoas estão sujeitas em nível de dependência (ARNOLD; BONGIOVI, 2013) e as dimensões da precariedade vão além das horas trabalhadas e tempo de emprego, porque se faz necessário acompanhar as modificações nas condições existentes para se executar o trabalho (CAMPBELL; BURGESS, 2018).

Em se tratando de precarização do trabalho docente, de acordo com algumas pesquisas realizadas em diferentes estados, os baixos salários são recorrentes e apontados pelos docentes como uma das principais problemáticas (BRITO; ATHAYDE; NEVES, 2003, 2013; NEVES, 1999; NEVES; SELIGMANNSILVA, 2001, 2006; OLIVEIRA, 2003; 2004; 2007; VASCONCELOS, 2005; VASCONCELOS; ROSAS; 2014). A insuficiência salarial condiciona o professor a acumular dupla ou tripla jornada de trabalho para sobreviver.

Observa-se que há um consenso entre os autores no debate sobre a precarização e a desvalorização do trabalho docente com baixos salários, desqualificação e fragmentação do trabalho, perda da autonomia e controle no trabalho (BOSI, 2007; LUDKE; BOING, 2004; MANCEBO, 2007; OLIVEIRA, 2003; 2004; NEVES; SELIGMANN-SILVA, 2001; 2006; VASCONCELOS, 2005; VASCONCELOS; ROSAS, 2014).

Conforme abordado anteriormente, esse cenário de mercado e organizacional foi transferido para o contexto educacional após as reformas no final da década de 1990. Assim, diversos estudos estão relacionando os processos de precarização no trabalho, desvalorização e desqualificação da força de trabalho e a desprofissionalização com a reestruturação do trabalho pedagógico (OLIVEIRA, 2003; 2004; BOSI, 2007; LUDKE; BOING, 2004).

A pressão para pesquisas, projetos, extensões, orientações, publicações em periódicos e participação em congressos se caracterizou um produtivismo (BERNARDO, 2014; CHAUI, 1999), além da exigência de que sejam assumidas funções incoerentes com a formação do docente, desenvolvendo um sentimento de desprofissionalização e de perda da identidade (OLIVEIRA, 2004).

Em se tratando de pesquisas direcionadas ao analisar o ensino superior, público e privado no Brasil, Araújo et al. (2005) avaliaram a UFES de Feira de Santana, obtendo resultados que evidenciavam cansaço mental, esquecimento, insônia e nervosismo. Dalagasperina (2012) realizou dois estudos no Rio Grande do Sul, um voltado para os fatores estressores e outro para as dimensões de burnout. Perez (2012) pesquisou as vivências de prazer e sofrimento nas extensivas jornadas de trabalho com sobrecarga de atividades. Já Ribeiro (2013) verificou as estratégias de *coping* mais usadas e os resultados mostraram não haver nem burnout, nem de depressão. Em uma outra vertente, Silva (2016) verificou que o assédio moral e a violência sofridos pelas professoras estavam gerando não apenas sofrimento, mas adoecimento, e Lira (2017) observou que os relacionamentos familiares e sociais dos docentes somados à baixa percepção de autoeficácia facilitavam o aparecimento da síndrome de burnout.

Entretanto, há de considerar que diante de um cenário precário, nem todos os professores adoecem. Quem investiga esse fenômeno é a psicodinâmica do trabalho elaborada por Dejours (1987). A psicodinâmica do trabalho, concebida por Dejours (1987), psicanalista, estabeleceu uma relação entre as atividades laborais e a saúde mental do trabalhador. Outro campo que fundamenta a construção dos itens do instrumento de pesquisa vem dos estudos psicanalíticos sobre os mecanismos de defesa do ego proposto por Ana Freud (1978).

A pesquisa sobre a psicodinâmica do trabalho foi caracterizada por três fases e que tiveram, como marcos, publicações específicas: inicialmente foi publicada a obra seminal traduzida, no Brasil, como *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho* (DEJOURS, 1987). Nessa obra, os estudos referenciavam-se às possíveis psicopatologias do trabalho oriundas do sofrimento causado pelas atividades laborais dos trabalhadores e buscava compreender quais mecanismos de defesa esses indivíduos estruturavam de forma a se protegerem, mentalmente, das condições adversas. Já na década de 1990, o termo *psicodinâmica do trabalho* foi consolidado e apresentado à comunidade científica e consolidado na obra *De La Psychopatologie à la Psychodynamique du Travail*, em 1993 e a segunda fase da psicodinâmica do trabalho é marcada pela obra intitulada *O Fator Humano* (DEJOURS, 1997), em que o objeto de estudo foram as relações entre o trabalho prescrito e o trabalho real, analisando como se estruturava a identidade dos trabalhadores e quais eram os fatores causadores de prazer e sofrimento advindas do labor. E a terceira fase ocorreu no final da década de 1990, com as publicações de *Souffrance em France e L'évaluation du*

Travail à L'épreuve du Réel: Critique des Fondements de L'évaluation. Nestas obras, a teoria passou a tratar as novas configurações das organizações do trabalho, as patologias sociais que podem decorrer da má gestão dessas configurações, os mecanismos de defesa do ego, ou seja, as estratégias defensivas elaboradas pelo trabalhador para lidar com as pressões das suas atividades laborais e o sentido das vivências de trabalho (MENDES, 2007).

Dentro das possibilidades, a proposta desta pesquisa foi analisar os mecanismos de defesa estruturados pelos trabalhadores de modo a suportar o sofrimento causado no seu ambiente de trabalho. De acordo com Mendes (2007), as estratégias de defesa são construídas em consenso pela própria equipe de trabalhadores, estabelecendo um acordo tácito entre os membros para manutenção da defesa, evitando que ela se rompa e afete o equilíbrio gerado pela própria estratégia.

Freud (1978) concebeu e definiu algumas estratégias de defesas e que são:

- Repressão: A repressão é o processo pelo qual um impulso ou ideia inaceitável vai para o inconsciente. O indivíduo nega essas ideias, pensamentos e memórias para mantê-los apenas no seu inconsciente.
- Regressão: Um retorno a formas anteriores do funcionamento psíquico, a regressão pode ser compreendida dentro do marco de uma psicologia evolutiva com um passo atrás ao desenvolvimento.
- Formação reativa: É definida como o processo pelo qual um impulso ou desejo inaceitável é controlado por uma exageração de tendência oposta.
- Anulação: é um mecanismo de defesa que se compreende como o processo pelo qual a pessoa se comporta como se uma ideia ou ação anterior considerada errada não existiu ou pode ser anulada instantaneamente.
- Introjção: Estratégias na qual a pessoa coloca dentro de si traços, características ou sentimentos que são atribuídos a outro. Nesse mecanismo de defesa, as ameaças do exterior são internalizadas com o objetivo de tentar controlar seu efeito na estabilidade mental.
- Projeção: Neste mecanismo de defesa, características, sentimentos e traços físicos e da personalidade considerados ruins ou insatisfatórios por si mesmo são projetados em outros. Com isso, o problema que se acredita ter são transferidos para outras pessoas, fazendo com que não haja mudança em si mesmo.
- Sublimação: É o processo pelo qual um instinto, de composição sexual ou agressiva, é derivado a um fim diferente. Quando um indivíduo sublima um instinto, substitui sua motivação e a dirige a uma atividade mais aceita socialmente.
- Isolamento: O isolamento é o processo no qual a pessoa isola um pensamento ou sentimento de um evento, rompendo assim suas conexões com o resto das suas vivências e evitando, por tanto, que o ato faça parte da sua experiência significativa.
- Deslocamento: O deslocamento é o mecanismo de defesa do ego pelo qual a mente inconsciente dirige as emoções que foram produzidas devido a uma certa circunstância a uma outra situação, pessoa ou objeto.
- Racionalização: processo pelo qual uma pessoa tende a justificar ou racionalizar uma situação de maneira que seja vista como aceitável de um ponto de vista moral.

A partir das temáticas trazidas, no capítulo a seguir é apresentada a metodologia adotada para a realização do estudo que buscou comparar as mudanças nos mecanismos de defesa psíquica utilizada pelos professores universitários da região do Triângulo Mineiro e Goiás, entre 2020 e 2022.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi do tipo descritiva, por meio da aplicação da Escala de Mecanismo de Defesa do Ego (EMD-13), estruturada e validada por Freire et al. (2021). Para a aplicação da pesquisa, a escala foi aplicada nos períodos de 2020 e 2022, durante e após a pandemia da Covid-19, por meio de uma *survey* eletrônica enviada a professores universitários de organizações públicas e privadas do triângulo Mineiro e do estado de Goiás.

Para a construção da escala, os autores seguiram o método proposto para validação de escala de Pasquali (1999). Inicialmente, efetuaram entrevistas com professores universitários para levantamento das possíveis estratégias de defesas. Na próxima etapa de pesquisa, essas estratégias foram categorizadas e classificadas em uma escala composta por 18 fatores ou tipos de mecanismos de defesa. Foi realizada, então, uma *survey* com 648 docentes universitários de instituições públicas e privadas dos estados de Minas Gerais e Goiás. Em seguida, por meio da Análise Fatorial Exploratória, a escala foi validada e redimensionada para ser composta por 13 fatores e passou a ser intitulada como Escala de Mecanismo de Defesa de 13 fatores ou EMD-13 (FREIRE et al., 2021). Nesse sentido, os mecanismos de defesa que podem ser mensurados pela escala são:

1. **Compensação:** Nesse mecanismo, o indivíduo, diante da adversidade tenta compensar uma atitude ou comportamento falhos de forma a assegurar o reconhecimento de que necessita (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).
2. **Dissimulação:** Esse tipo de mecanismo ocorre quando o indivíduo evita uma angústia por se sentir culpado por pensar ou fazer algo ruim para o outro, então ele separa um grupo de sentimentos e pensamentos por outros menos angustiantes (FREIRE et al., 2021).
3. **Evitação:** Mecanismo no qual o sujeito tende a suavizar um pensamento ou atitude negativo, tornando-os mais socialmente aceitos (FREIRE et al., 2021).
4. **Formação reativa:** Mecanismo pelo qual o indivíduo vai se comportar opostamente ao que ele teria originalmente desejado. Procura, então, de certo modo negar ou mascarar suas tendências, a fim de evitar um maior sofrimento psíquico (FREUD, 1978).
5. **Idealização:** Esse mecanismo ocorre quando o indivíduo exagera os aspectos positivos do objeto, visando se proteger de uma angústia (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).
6. **Identificação:** Esse mecanismo ocorre quando o indivíduo se identifica e se sente acolhido à outra pessoa ou grupo, no sentido de buscar proteção, mesmo que, na realidade, esteja se defendendo ou não dessa pessoa ou grupo (DEJOURS, 1997).
7. **Introjeção:** Nesse mecanismo, a fim de suprir uma deficiência ou falha interna, o indivíduo passa a incorporar características e atitudes de outros indivíduos (FREUD, 1978).
8. **Isolamento:** Mecanismo no qual o indivíduo, diante de uma situação angustiante, separa o pensamento e a sua identidade da emoção sentida. Nesse sentido, o pensamento se torna sem efeito sobre ele (FREUD, 1978).
9. **Racionalização:** Nesse mecanismo de defesa, o indivíduo usa a razão, dando um propósito útil a uma ação aversiva de forma a trazer proteção e conforto psíquico para ele. Na realidade, ele cria uma justificativa falsa para não reconhecer a justificativa verdadeira (FREUD, 1978). Ocorre, por exemplo, quando dois colegas de trabalho competem entre si e acabam prejudicando um ao outro e justificam o fato por ser natural no ambiente de trabalho.
10. **Regressão:** Esse mecanismo de defesa ocorre quando o indivíduo retoma pensamentos, atitudes e comportamentos que teve no passado para fugir de uma situação presente bastante angustiante. Pode vir acompanhada de devaneios ou memórias recorrentes (FREUD, 1978).
11. **Reparação:** Esse mecanismo ocorre quando o indivíduo procurar reparar uma atitude e/ou comportamento aversivo que teve, objetivando mais se sentir culpado pelas suas ações (FREUD, 1978).
12. **Repressão:** Mecanismo no qual o indivíduo procurar manter afastado uma ação ou estímulo aversivo da sua consciência, já que ela pode trazer intenso sofrimento (FREUD, 1978).

13. Volta contra o eu: Ocorre quando o indivíduo, se sentindo culpado por uma atitude, volta contra si mesmo (FREUD, 1978). O narcisismo utiliza-se desse mecanismo, mas de forma não defensiva.

A escala, então, passou a ser constituída por 13 fatores e 32 itens (afirmativas), os quais representaram uma variância total de 75,27%, considerada aceitável em ciências sociais, cujo percentual adequado seria superior a 60% (HAIR et al., 2005). Em relação à análise da confiabilidade dos fatores, Pasquali (2001) recomenda que índices de alfa de *Crombach* acima de 0,70 são considerados confiáveis e em relação à qualidade dos itens, Comrey e Lee (1992) classifica os valores das cargas fatoriais nas seguintes classes e denominações: Excelente: carga superior a 0,71; Muito bom: carga entre 0,63 a 0,70; Bom: carga entre 0,55 a 0,62; Razoável: carga entre 0,45 a 0,54; Pobre: carga menor que 0,44. A análise das comunalidades revelou valores superiores a 0,60 para todos os itens da escala, sendo considerado adequada. A Tabela 1 traz um resumo dos principais resultados de cada fator (mecanismo de defesa).

Tabela 1 – Análise Fatorial da Escala de Mecanismo de Defesa (EMD-13)

Mecanismo de Defesa	Sigla	Comunalidades	Carga Fatorial	Qualidade dos Itens	Alfa de <i>Crombach</i>
Compensação	Com2	0,762	0,622	Bom	0,817
	Com3	0,785	0,693	Muito bom	
Dissimulação	Dis1	0,789	0,824	Superior	0,776
	Dis2	0,691	0,720	Superior	
	Dis3	0,728	0,644	Muito bom	
Evitação	Evi1	0,728	0,728	Superior	0,737
	Evi2	0,766	0,481	Razoável	
Formação reativa	For1	0,848	0,891	Superior	0,756
	For2	0,797	0,806	Superior	
Idealização	Idea1	0,840	0,867	Superior	0,846
	Idea2	0,656	0,660	Muito bom	
	Idea3	0,818	0,867	Superior	
Identificação	Iden1	0,737	0,799	Superior	0,870
	Iden2	0,841	0,857	Superior	
	Iden3	0,826	0,775	Superior	
Introjeção	Int1	0,798	0,740	Superior	0,887
	Int2	0,827	0,786	Superior	
	Int3	0,809	0,771	Superior	
Isolamento	Iso1	0,829	0,790	Superior	0,799
	Iso2	0,720	0,825	Superior	
	Iso3	0,763	0,689	Muito bom	
Racionalização	Rac1	0,689	0,790	Superior	0,762
	Rac3	0,829	0,654	Muito bom	
Regressão	Reg2	0,743	0,461	Razoável	0,849
	Reg3	0,847	0,576	Bom	
Reparação	Repa1	0,818	0,841	Superior	0,889
	Repa2	0,833	0,855	Superior	
Repressão	Repr2	0,712	0,809	Superior	0,778
	Repr3	0,822	0,815	Superior	
Volta contra o Eu	Vol1	0,886	0,928	Superior	0,766
	Vol2	0,915	0,942	Superior	
	Vol3	0,759	0,503	Razoável	

Fonte: Freire et al. (2021).

Vale ressaltar que o índice de alfa de *Crombach* para todos os itens da escala obteve um KMO = 0,698, ou 0,70 quando arredondado, ficando, assim, dentro dos parâmetros considerados aceitáveis para a confiabilidade da escala (HAIR et al., 2005).

Assim, o intuito foi investigar se ocorreria variações na quantidade e nos tipos de mecanismos nos períodos investigados. A amostragem foi do tipo não probabilística por acessibilidade, onde um docente encaminhava ou indicava o próximo docente. A pesquisa ficou disponível na plataforma *Google Forms* e, para ter acesso, os docentes deveriam concordar com o Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido (TCLE) conforme orientações do Comitê de Ética da Universidade. Foram obtidas 112 amostras em 2020 e 104 respostas válidas em 2022.

Os docentes tiveram que avaliar os 32 itens da escala seguindo o padrão Likert de cinco pontos: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo parcialmente; 3 – Nem Discordo, nem concordo; 4 – Concordo parcialmente e 5 – Concordo totalmente. A análise de dados foi por meio da estatística descritiva, analisando-se os índices médios ponderados obtidos para os diferentes tipos de mecanismos de defesa. Os resultados, então, foram classificados segundo a técnica do Ranking Médio (RM), apresentada por Malhotra (2001).

Os resultados de RM foram considerados da seguinte forma:

- até 1,45 tem-se total discordância em relação à influência do mecanismo de defesa avaliado,
- de 1,46 a 2,44, os participantes discordam parcialmente;
- de 2,45 a 3,44, os participantes não concordam e nem discordam, sendo o valor 3 considerado indiferente em termos de concordância, pois é a mediana da distribuição;
- de 3,45 a 4,44 tem-se uma concordância parcial;
- e 4,45 a 5,0, como uma total concordância (OLIVEIRA, 2005).

Para fins deste artigo, para que o mecanismo de defesa fosse considerado aceitável para a análise, deveria possuir um índice maior ou igual a 3,45.

Finalmente, os mecanismos de defesa tiveram seus índices analisados de acordo com as variáveis demográficas: sexo, faixa etária, local de trabalho, estado civil e remuneração, de forma a verificar se existiriam alterações relevantes para a pesquisa. Foi utilizado, na análise, o software SPSS versão 26.0.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

As amostras coletadas nos dois períodos (2020 e 2022 – durante e após a pandemia da Covid-19) apresentaram características um pouco distintas quanto aos aspectos demográficos:

- Em 2020, havia 57% mulheres e 43% homens, 61% com 41 anos de idade ou mais, 68% do total casado ou amasiado, 70% trabalhando em instituição de ensino pública, 79% deles com carga de 40 horas semanais ou de dedicação exclusiva, 71% não tinham outro trabalho além da docência, e 43% do total com dez salários mínimos ou mais, de renda mensal.
- Em 2022, havia 68% mulheres e 32% homens, 77% com 41 anos de idade ou mais, 76% do total casado ou amasiado, 64% trabalhando em instituição de ensino pública, 80% deles com carga de 40 horas semanais ou de dedicação exclusiva, 79% não tinham outro trabalho além da docência, 62% do total com dez salários mínimos ou mais, de renda mensal.

A Tabela 2 representa as médias e os seus respectivos desvios padrões na apuração dos índices dos mecanismos de defesa gerais.

Tabela 2 – Apuração Média dos Mecanismos de Defesa por Ano

Mecanismos	2020		2022	
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão
Evitação	2,72	0,90	2,46	0,90
Repressão	2,52	1,07	2,47	0,98
Racionalização	2,92	0,88	2,82	0,92
Regressão	1,97	0,97	1,76	0,87
Formação reativa	2,18	1,01	1,96	0,81
Isolamento	2,77	1,20	2,67	1,22
Identificação	3,21	1,04	3,01	1,06
Idealização	3,45	1,16	3,25	1,20
Compensação	3,16	1,10	3,08	1,10
Introjeção	2,66	1,18	2,64	1,17
Projeção	2,31	0,93	2,15	1,05
Voltado contra o eu	1,79	0,95	1,58	0,82
Reparação	3,55	0,86	3,12	0,95

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que o único mecanismo de defesa que merece ser destacado é o da idealização no período pandêmico. Chama a atenção para o fato de não possuir nenhum índice no ano de 2022, pós-pandemia. O mecanismo da idealização ocorre quando o indivíduo exagera os aspectos positivos do objeto, visando se proteger de uma angústia (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001); aqui no caso, dos fatores estressores gerados pelas estratégias de enfrentamento à Covid-19 pelos docentes. Infere-se, que um exemplo possível para esse fator seria o trabalhador acreditar na filosofia de que faz parte da família dos donos da organização e acreditar que o gestor se preocupa mais com ele do que com a empresa. Sentir-se fazendo parte da organização minimizaria os aspectos sombrios de adoecimento psíquico.

Na análise dos dados, foram apuradas as variáveis demográficas: sexo, faixa etária, local de trabalho, estado civil e remuneração, a fim de verificar se existiram diferenças em relação ao índice geral apurado. A Tabela 3 traz os índices dos mecanismos de defesa do ego por sexo.

Tabela 3 – Índices dos Mecanismos de Defesa por Sexo

Mecanismos	2020		2022	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Evitação	2,72	2,72	2,57	2,21
Repressão	2,61	2,39	2,50	2,42
Racionalização	3,22	2,53	2,87	2,70
Regressão	2,07	1,83	1,82	1,64
Formação reativa	2,10	2,29	1,88	2,12
Isolamento	2,68	2,89	2,73	2,55
Identificação	3,43	2,92	3,28	2,42
Idealização	3,59	3,26	3,31	3,11
Compensação	3,22	3,08	3,31	2,58
Introjeção	2,88	2,38	2,81	2,27
Projeção	2,35	2,25	2,18	2,09
Voltado contra o eu	1,93	1,61	1,66	1,39
Reparação	3,61	3,46	3,36	2,61

Fonte: Dados da pesquisa.

Interessante observar que houve o aparecimento do mecanismo de defesa idealização apenas para as mulheres em 2020, levando a crer que elas foram mais impactadas que os

homens durante a pandemia da Covid-19 em suas atribuições laborais. Isso é reforçado pelo aparecimento do mecanismo de defesa, em reparação no ano pandêmico. Esse mecanismo ocorre quando o indivíduo procurar reparar uma atitude e/ou comportamento aversivo que teve, objetivando não mais se sentir culpado pelas suas ações (FREUD, 1978). Um exemplo é quando um chefe grita com seu funcionário e, no dia seguinte, dá a ele um dia de folga por que se sente culpado.

Contrariando a média geral, surge no ano da pandemia o mecanismo de defesa da reparação também para os indivíduos do sexo masculino. Mais uma vez, concordando com a tendência geral, não houve destaques de índices de mecanismos de defesa no ano de 2022. A Tabela 4 representa os índices dos mecanismos de defesa por local de trabalho, se em universidade pública ou privada.

Tabela 4 – Índices dos Mecanismos de Defesa por Entidade

Mecanismos	2020		2022	
	Privada	Pública	Privada	Pública
Evitação	2,48	2,80	2,55	2,41
Repressão	2,43	2,55	2,18	2,62
Racionalização	3,09	2,86	2,57	2,94
Regressão	1,75	2,05	2,02	1,63
Formação reativa	2,32	2,14	1,85	2,01
Isolamento	2,68	2,80	2,83	2,60
Identificação	2,91	3,31	2,72	3,15
Idealização	3,63	3,38	2,96	3,39
Compensação	3,55	3,02	2,97	3,13
Introjeção	2,70	2,65	2,60	2,66
Projeção	2,13	2,37	2,09	2,18
Voltado contra o eu	1,84	1,78	1,35	1,69
Reparação	3,91	3,42	3,11	3,13

Fonte: Dados da pesquisa.

Mais uma vez, observou-se o aparecimento do mecanismo de defesa idealização em 2020, na universidade privada, com destaque para o mecanismo de defesa reparação nessas instituições. Surge um novo mecanismo, ainda nesse ano, o da compensação. Nesse mecanismo, o indivíduo, diante da adversidade, tenta compensar uma atitude ou comportamento falho de forma a assegurar o reconhecimento de que necessita. Por exemplo: um trabalhador que não tem um bom desempenho na sua atividade principal passa a ser extremamente solícito em ajudar o outro de forma a compensar, socialmente, seu próprio fracasso (FREIRE et al., 2021). Relevante observar que não houve índices de destaque na universidade pública. Concordando com a regra geral, não foram observados indicadores de destaques no ano de 2022, pós-pandemia.

A Tabela 5 traz os índices dos mecanismos de defesa do ego por faixa etária. Chama a atenção para a idade mínima apresentada nas amostragens: 31 anos, revelando o aspecto de possuírem mais indivíduos maduros do que jovens. Isso deve ao fato que para se galgar um cargo de professor, o indivíduo deverá ter, no mínimo, uma pós-graduação, seguindo as regras que regem o mercado de trabalho para esses profissionais.

Tabela 5 – Índices dos Mecanismos de Defesa por Faixa Etária

Mecanismos	2020			2022		
	De 31 a 40	De 41 a 50	De 51 a 60	De 31 a 40	De 41 a 50	De 51 a 60
	anos	anos	anos	anos	anos	anos
Evitação	2,83	2,70	2,58	2,94	2,37	2,15
Repressão	2,57	2,27	2,78	2,22	2,70	2,22
Racionalização	3,02	2,56	3,42	3,00	3,04	2,48
Regressão	2,11	2,00	1,58	2,33	1,62	1,63
Formação reativa	2,60	1,94	1,83	2,50	1,94	1,67
Isolamento	3,24	2,59	2,25	4,00		2,26
Identificação	3,24	3,36	2,89	3,44	3,00	2,81
Idealização	3,57	3,19	3,73	2,79	3,55	3,00
Compensação	3,48	2,74	3,39	3,61	3,00	2,89
Introjeção	2,62	2,45	3,08	3,56	2,65	2,04
Projeção	2,52	2,29	1,92	2,33	2,09	2,26
Voltado contra o eu	1,89	1,80	1,50	1,50	1,77	1,22
Reparação	3,84	3,12	3,86	3,11	3,31	2,89

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se, na Tabela 5, a ocorrência, em 2020, para a faixa etária de 31 a 40 anos o aparecimento dos mecanismos de defesa: reparação, compensação e idealização. Não há índices importantes para as faixa etária de 41 a 60 durante o ano pandêmico. Entretanto, contrariando a regra do índice geral, aparece, em 2022, além do mecanismo compensação, dois novos mecanismos para a faixa etária de 31 a 40 anos: isolamento e introjeção. O isolamento é o mecanismo no qual o indivíduo, diante de uma situação angustiante, separa o pensamento e a sua identidade da emoção sentida. Nesse sentido, o pensamento se torna sem efeito sobre ele (FREUD, 1978). Um exemplo é quando um trabalhador sofre ameaças, tem problemas graves na organização e age como se nada tivesse acontecido, não se dá conta da gravidade do problema. Os sentimentos ficam ocultos para a pessoa. Já no mecanismo de introjeção, a fim de suprir uma deficiência ou falha interna, o indivíduo passa a incorporar características e atitudes de outros indivíduos (FREUD, 1978). Um exemplo é o trabalhador que é introvertido e calado, naturalmente e, por admirar seu líder que é extremamente comunicativo, passa a se comunicar mais abertamente.

A idealização aparece em 2022 para os indivíduos da faixa etária de 41 a 50 anos e a faixa etária de 51 a 60 anos permanece sem nenhum destaque. A Tabela 6 revela os índices pelo estado civil.

Tabela 6 – Índices dos Mecanismos de Defesa por Estado Civil

Mecanismos	2020				2022			
	Casado	Divor-	Namoro	Solteiro	Casado	Divor-	Namoro	Solteiro
		ciado				ciado		
Evitação	2,83	2,67	2,11	2,67	2,43	3,33	2,33	2,00
Repressão	2,56	3,00	2,17	2,24	2,51	3,33	2,33	1,53
Racionalização	2,96	3,07	2,50	3,00	2,95	3,22	1,83	1,97
Regressão	1,89	2,73	2,50	1,43	1,73	2,22	1,50	1,73
Formação Reativa	2,13	3,07	1,56	2,38	2,00	2,78	1,00	1,47
Isolamento	2,89	3,20	2,22	2,24	2,64	3,33	2,33	2,57
Identificação	3,15	4,07	2,78	3,29	2,95	3,67	3,00	2,87
Idealização	3,54	3,20	2,63	3,82	3,33	4,17	3,50	1,58
Compensação	3,12	3,93	2,56	3,33	3,13	3,67	3,00	2,20
Introjeção	2,46	4,00	2,33	3,10	2,65	3,78	2,17	1,80
Projeção	2,39	2,47	1,89	2,14	2,28	2,00	1,33	1,77
Voltado contra o eu	1,72	3,20	1,56	1,38	1,52	2,00	1,33	1,80
Reparação	3,57	4,00	2,67	3,86	3,14	3,56	2,83	2,80

Fonte: Dados da pesquisa.

Em 2020, no ano da pandemia com isolamento social, há destaque para os mecanismos de reparação e idealização para os casados, e de identificação, introjeção, reparação e compensação para os divorciados. A identificação ocorre quando o indivíduo se identifica e se sente acolhido à outra pessoa ou grupo, no sentido de buscar proteção, mesmo que, na realidade, esteja se defendendo ou não dessa pessoa ou grupo (DEJOURS, 1997). Um exemplo é o sujeito *vestir a camisa* da instituição onde trabalha e assim se sentir acolhido por ela, mesmo em condições precárias de labor.

Observa-se, na categoria de divorciados, um número maior de mecanismos de defesa, inferindo que eles foram os mais impactados durante a pandemia da Covid-19. Isso merece maior pesquisa e aprofundamento. Entre os solteiros, destaca-se o mecanismo reparação e nota-se que não houve nenhum destaque para os que estavam namorando, revelando um maior equilíbrio mental para essa categoria em 2020. Em 2022, os divorciados continuam com os mesmos mecanismos de defesa e, contrariando a regra geral, surge o mecanismo idealização entre os que estão namorando. Entre os solteiros destaque para a reparação apenas no ano pandêmico. Finalmente, a Tabela 7 revela os índices dos mecanismos de defesa por remuneração.

Tabela 7 – Índices dos Mecanismos de Defesa por Remuneração

Mecanismos	2020				2022			
	De 4 a 6	De 7 a 10	De 10 a 15	Acima de 15	De 4 a 6	De 7 a 10	De 10 a 15	Acima de 15
Evitação	2,82	2,71	2,78	2,56	2,00	2,63	2,76	1,90
Repressão	2,77	2,50	2,38	3,11	2,21	1,96	2,76	2,46
Racionalização	3,08	2,81	2,75	3,78	2,83	2,85	2,90	2,41
Regressão	1,90	2,06	2,10	1,33	1,63	1,27	2,08	1,36
Formação Reativa	2,05	2,38	2,11	2,44	2,08	1,60	2,12	1,54
Isolamento	2,62	2,73	2,73	2,89	2,21	3,10	2,86	2,26
Identificação	3,03	3,35	3,32	2,67	2,38	2,60	3,43	3,03
Idealização	3,75	3,64	2,93	4,33	2,72	2,63	3,45	4,21
Compensação	3,15	3,54	2,92	3,33	2,79	2,69	3,14	3,85
Introjeção	2,62	2,98	2,49	3,56	1,96	2,38	2,98	2,87
Projeção	1,79	2,65	2,63	1,33	1,92	2,10	2,39	1,69
Voltado contra o eu	1,49	2,10	1,84	1,22	1,38	1,88	1,67	1,23
Reparação	3,64	3,69	3,38	3,56	3,04	2,56	3,27	3,36

Fonte: Dados da pesquisa.

Em 2020, para os que percebiam de 4 a 6 salários mínimos, aparecem a idealização e a reparação, o que não ocorre em 2022. Já entre 7 a 10 salários, tem-se a reparação, seguida da idealização e da compensação. Destaque para os que recebiam de 10 a 15 salários mínimos que não houve índices importantes em 2020, mas que surge a idealização a partir de 2022. Para quem recebia mais de 15 salários mínimos, concentraram maiores índices de mecanismos de defesa no ano da pandemia, sendo eles a idealização, a racionalização, a introjeção e a reparação, mas em 2022 o destaque foi apenas para idealização.

Na racionalização, o indivíduo usa a razão, dando um propósito útil a uma ação aversiva de forma a trazer proteção e conforto psíquico para ele. Na realidade, ele cria uma justificativa falsa para não reconhecer a justificativa verdadeira (FREUD, 1978). Ocorre, por exemplo, quando dois colegas de trabalho competem entre si e acabam prejudicando um ao outro e justificam o fato por ser natural no ambiente de trabalho.

O Quadro 1 traz uma síntese dos mecanismos de defesa do ego por variável demográfica.

Quadro 1 – Resumo dos mecanismos de defesa pelas dimensões demográficas

Variáveis		2020	2022
Geral	Geral	Idealização	-
Sexo	Masculino	Reparação	-
	Feminino	Reparação Idealização	-
Local	Privado	Idealização Compensação	-
	Público	-	-
Faixa Etária	31 a 40	Reparação Idealização Compensação	Isolamento Introjeção Compensação
	41 a 50	-	Idealização
	51 a 60	-	-
Estado Civil	Casado	Reparação Idealização	-
	Divorciado	Identificação Introjeção Reparação Compensação	Idealização Identificação Compensação Reparação
	Namorando	-	Idealização
	Solteiro	Reparação	-
Remuneração	De 4 a 6 salários	Idealização Reparação	-
	De 7 a 10 salários	Reparação Idealização Compensação	-
	De 10 a 15 salários	-	Idealização
	Acima de 15 salários	Idealização Racionalização Introjeção Reparação	Idealização

Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se inferir, pelo quadro, que o mecanismo de defesa da idealização ocorreu mais nas mulheres, do setor privado, de 31 a 40 anos e casadas, em 2020, no ano da pandemia e que não houve destaques em 2022. Já o mecanismo reparação aparece maior entre os homens, de 31 a 40 anos, divorciados e percebendo qualquer nível salarial.

Chama a atenção na quantidade de mecanismos de defesa utilizados pelos professores no ano da pandemia, 2020 em contraste com 2022, revelando o forte impacto da pandemia para esses profissionais. Já em 2022 destaque para a quantidade de mecanismos entre os indivíduos na faixa de 31 a 40 anos e divorciados e percebendo mais de 10 salários mínimos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi levantar os principais mecanismos de defesa psíquica utilizada pelos professores universitários da região do Triângulo Mineiro e Goiás no enfrentamento às deteriorações do trabalho no período pandêmico (2020) e pós-pandêmico (2022), comparando se houveram mudanças significativas em tais mecanismos. Os resultados apontaram que o mecanismo de defesa que mais apareceu, no ano pandêmico foi o da idealização, o que não ocorreu em 2022. As diferenças do contexto foram relevantes, mostrando uma forte influência das condições de 2020 para os docentes de nível superior.

Além disso, os resultados apontaram para aparecimento de mecanismos de defesa em relação às variáveis demográficas, com destaque para o mecanismo de idealização presente

mais em mulheres, do setor privado, de 31 a 40 anos e casadas, em 2020. Já o mecanismo reparação aparece maior entre os homens, de 31 a 40 anos, divorciados e percebendo qualquer nível salarial. Também destaca-se o número de diferentes de mecanismos de defesa utilizados no ano da pandemia, revelando o quão impactante foi esse período na vida dos profissionais da educação.

O gênero, o tipo de vínculo de trabalho, a idade e o estado civil foram importantes para mostrar que os grupos mais vulneráveis – mulheres, trabalhando na iniciativa privada, mais jovens e sem um parceiro – precisaram usar mais dos mecanismos de defesa nesse período, e deve ser um ponto de atenção por parte das instituições de ensino.

O estudo, entretanto, possui algumas limitações. A primeira diz-se em relação ao método ser quantitativo, o que não permite aprofundar em alguns importantes achados da pesquisa. Há de considerar, também, a região aplicada: Triângulo Mineiro e Goiás, cujos resultados não podem ser generalizados para o restante do país. Finalmente, a maior limitação é que somente o levantamento dos índices de mecanismos de defesa podem não ser suficientes para explicar o fenômeno, necessitando, talvez, do cruzamento com outros construtos e variáveis, como desempenho, qualidade de vida, comprometimento, prazer e sofrimento no trabalho, dentre outros.

Sugere-se estudos qualitativos em profundidade para se entender a presença de tais mecanismos de defesa do ego no ano pandêmico, bem como uma pesquisa mais ampla, em todo o território nacional de forma a entender melhor o fenômeno investigado.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- ALVES, G. **A condição de precariedade**. Londrina: Práxis, 2009
- ALVES, W. F. Gestão Escolar e o Trabalho dos Educadores: da estreiteza das políticas à complexidade do trabalho humano. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 110, p.17-34, jan./mar. 2010.
- AQUINO, A. E. C. et al. Formação Continuada de Professores: Reflexão acerca da relação entre trabalho docente e sofrimento/ adoecimento psíquico. In: FACCI, M. G. D.; MEIRA, M. E. M. (Orgs.). **Estágios em Psicologia Escolar: Proposições Teórico-Práticas**. Maringá: Eduem, 2016.
- ARAÚJO, L. M. B. F.; SOUSA, R. R. O adoecimento psíquico de professores da rede pública estadual: perspectiva dos docentes. **Anais... ENANPAD**, 2013.
- ARAÚJO, T. M. et al. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 6-21, 2005.
- ARAÚJO, T. M. et al. Processos de desgaste da saúde dos professores. **Textual**, v. 1, n. 3, p. 14-21, 2003.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARNOLD, D.; BONGIOVI, J. R. Precarious, Informalizing, and Flexible Work: Transforming Concepts and Understandings. **American Behavioral Scientist**, v. 57, n. 3, p. 289–308, 2013.
- ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, 2009.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. et al. O trabalho docente e o burnout: um estudo em professores paranaenses. VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPr - EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas – CIAVE. **Anais...** Curitiba:

2008.

BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, Campinas; v. 26 (n. spe.), p. 129-139, 2014.

BORSOI, I. C. F. Trabalho e Produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas do ensino superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Vitória, v. 15, n. 1, 2012.

BORSOI, I. C. F.; SILVA, F. Professores do Ensino Público Superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. **Univ. Psychol.**, Bogotá, Colômbia, v. 12, n. 4, 2013.

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, set./dez. 2007.

BRITO, J.; ATHAYDE; M. NEVES, M. Y. (Orgs.). **Programa de formação em saúde, gênero e trabalho nas escolas**: caderno de textos. João Pessoa: Universitária, 2003.

BRITO, J.; NEVES, M. Y. ATHAYDE; M. Gênero, Saúde e Trabalho Docente nas escolas públicas. **Revista ADVIR**, jul. 2013.

CAMPBELL, I.; BURGESS, J. Patchy progress? Two decades of research on precariousness and precarious work in Australia. **Labour & Industry: a journal of the social and economic relations of work**, v. 28, n. 1, p. 48-67, 2018.

CHAUÍ, M. A universidade operacional. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 maio 1999. Caderno Mais! Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_1_3.htm>. Acessado em: 08/05/2015.

CODO, W. (Org.). **Educação: Carinho e Trabalho**. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

COMREY, A. L.; LEE, H. B. **A first course in factor analysis**. 2. ed. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1992.

DALAGASPERINA, P. **O estresse e a síndrome de Burnout em professores do ensino privado do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2012.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**. Cortez, 1987.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Produção**, v. 14, n. 3. doi:10.1590/S0103-65132004000300004. 2004.

DELCOR, N. S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-196, jan./fev. 2004.

FREIRE, D. A. L.; ELIAS, M. A. ; NAKATA, L. E. ; RAMOS, N. M. ; SOUSA, E. G. Estruturação e Validação da Escala de Mecanismos de Defesa (EMD-13): Uma Contribuição aos Estudos sobre a Psicodinâmica do Trabalho. In: ENANPAD, 2021, São Paulo. **Anais... Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração**, 2021.

FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro: BUP, 1978.

GALEAZZI, I.; HOLZMANN, L. Precarização do Trabalho. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Orgs.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, mai./ago. 2005.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 12, p. 2679-2691, 2006.

GONDAR, J. O trabalho como objeto histórico. **Cadernos do NUPSO**. Rio de Janeiro, v. 2,

n. 3, p. 20-32, 1989.

HAIR JR., J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

LANDINI, S. R. Professor: trabalho e transtornos psíquicos. **Teoria e Prática da Educação**, v. 11, n. 3, p. 298-307, 2008.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 2. ed. Santos: Martins Fontes, 1970.

LEMONS, J. C. **Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários**. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2005.

LHUILIER, D. Trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 483-492, 2013.

LIMA, M. F. E. M.; FILHO, D. O. L. Condições de trabalho e saúde do professor Universitário. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 3, 2009.

LIRA, E. R. B. **Síndrome de Burnout, percepção de autoeficácia e repercussões familiares em docentes universitários**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2017.

LÜDKE, M.; BOING, L. A. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1159-1180, set./dez. 2004.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MANCIBO, D. Agenda de pesquisa e opções teórico-metodológicas nas investigações sobre trabalho docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 466-482, mai./ago. 2007.

MENDES, A. M. B. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

MENDES, A. M.; ARAUJO, L. K. R. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho: o Sujeito em Ação**. Curitiba: Juruá, 2012.

NEVES, M. Y.; SELIGMANN-SILVA, E. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, v. 6, n. 1, 2006.

NEVES, M. Y.; SELIGMANN-SILVA, E. Trabalho docente: Precarização e feminização de uma prática profissional. In: BRITO, J. et al. (Orgs.). **Trabalhar na Escola? “Só inventando o prazer”**. Rio de Janeiro: IPUB/CUCA, 2001.

OLIVEIRA, D. A. (Org.). **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004.

OLIVEIRA, D. A. Política educacional e a reestruturação do trabalho docente: reflexões sobre o contexto Latino-americano. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 355-375, mai./ago. 2016.

PASQUALI, L. **Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração**. Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida (LabPAM)–Instituto de Psicologia. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

PEREZ, K. V. **Se eu tirar o trabalho, sobra um cantinho que a gente foi deixando ali: Clínica da Psicodinâmica do Trabalho na atividade de docentes no ensino superior privado**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

RIBEIRO, K. **Relações de Trabalho e Burnout: Vozes e Vivência de Professoras de Programa Stricto Sensu**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2013.

SANTOS, D. A. **Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compressão do adoecimento e sofrimento psíquico de professores**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2014.

SIQUEIRA, A. B. S. **Sufrimento, processos de adoecimento e prazer no trabalho: as estratégias desenvolvidas pelos docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco na (re)conquista da sua saúde.** Tese Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

TAVARES, J. P. et al. Prevalência de distúrbios psíquicos menores em enfermeiros docentes de universidades. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 13, n. 3, 2014.

TIMM, E. Z.; MOSQUERA, J. J. M; STOBAÛS, C. D. O mal-estar em tempos líquidos de modernidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 3, 2010.

VASCONCELOS, A. C. L. **A Situação de Trabalho e Saúde Mental de Professoras da Primeira Fase do Ensino Fundamental.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2005.

VASCONCELOS, A. C. L.; ROSAS, M. L. M. Trabalho de professores de escolas públicas do amazonas: demandas e operacionalização da clínica da cooperação. In: MENDES, A. M.; BOTTEGA, C. G.; CASTRO, T. C. M. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho de Professores: práticas em saúde do trabalhador.** Curitiba: Juruá, 2014.

VASCONCELOS, A.; FARIA, J. H. Saúde mental no trabalho: contradições e limites. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 6, n. 3, p. 453-464, 2009.